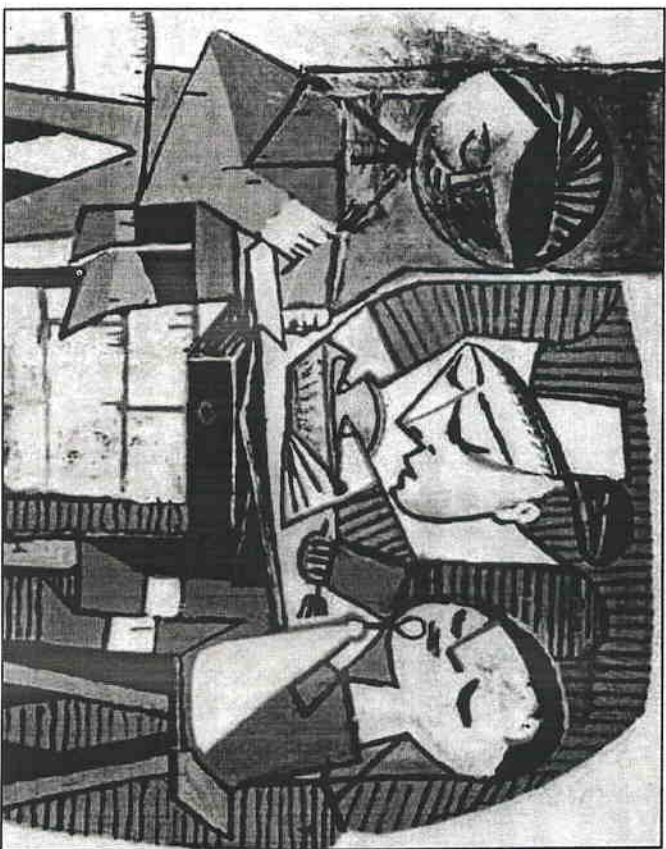


## CAPÍTULO 4

### ARTIGO ACADÊMICO: INTRODUÇÃO



Pablo Picasso: "A Refeição" (1953)

#### 4.1 O que é um artigo acadêmico?

**O** artigo é um texto, de aproximadamente 10 mil palavras, produzido com o objetivo de publicar, em periódicos especializados, os resultados de uma pesquisa desenvolvida sobre um tema específico. Esse gênero serve como uma via de comunicação entre pesquisadores, profissionais, professores e alunos de graduação e pós-graduação.

Na atualidade, o conhecimento gerado na atividade de pesquisa é primordial para o avanço das várias profissões que compõem a sociedade. A atividade

de pesquisa está essencialmente ligada ao meio universitário, onde professores e alunos desenvolvem estudos avançados e pesquisas que, mais tarde, se tornam públicas por meio de apresentações em congressos, mas principalmente, por meio da publicação de artigos. Esse conhecimento será gradativamente reescrito e recontextualizado na forma de informações simplificadas a serem publicadas na forma de textos de popularização da ciência em outros contextos como jornais e revistas de comunicação de massa para que o público em geral vá assimilando os avanços da ciência.

Não se esqueça de que até bem pouco tempo, algo que acontece ainda hoje, as pessoas pensavam que o Sol girava em torno da Terra. Foi preciso muito estudo, discussões (e algumas fogueiras da Inquisição) para que, por meio da divulgação desse saber, qualquer criança atualmente na 5ª série do ensino fundamental tenha o direito de saber como se dá a rotação terrestre. Esse conhecimento hoje tão simples já foi algo extremamente acadêmico, limitado a um círculo fechado de doutos senhores (havia pesquisadoras antes, durante e depois da Idade Média, mas elas foram ignoradas nos relatos da história da ciência. Mas isso já é assunto para outro livro!).

As informações geradas na pesquisa, ao serem submetidas à apreciação e aprovação (ou condenação) pública, são, aos poucos, absorvidas pela sociedade mais ampla, servindo de suporte para tomadas de decisão em diferentes instâncias como governos, empresas, indústrias, comércio, escolas e famílias. Assim, é importante que examinemos mais de perto o sistema de circulação de informação científica. Como o artigo acadêmico é o gênero textual mais conceituado na divulgação do saber especializado acadêmico, concentraremos nossa atenção nele.

A título de generalização, um artigo pode ser visto como um documento escrito por um ou mais pesquisadores para relatar os resultados de uma atividade de investigação. Cada área e cada problema de pesquisa determinam o modo como a pesquisa será desenvolvida e, como consequência, a configuração final do artigo que relatará a pesquisa. Há o artigo de revisão teórica, que relata uma pesquisa que consiste em um levantamento de toda a literatura publicada sobre um tema (o conceito de identidade na sociologia ou o mal de Alzheimer, por exemplo) em determinado período de tempo (nos últimos vinte anos, de 2000-2010 etc.). Há o artigo experimental, que relata um experimento montado para fins de testagem de determinadas hipóteses (testagem dos efeitos de impulsos elétricos no tratamento de depressão por meio de levantamento estatístico em um grupo de pacientes).

Há os chamados artigos científicos empíricos, em que o autor ou autores não relatam uma pesquisa desenvolvida em um ambiente experimental controlado, mas reportam a observação direta dos fenômenos conforme percebidos pela experiência (a análise das representações sociais sobre a mulher conforme observadas nos textos que circulam na mídia e nas entrevistas com os jornalistas autores dos textos). Note que, em algumas áreas como astrofísica, artigos experimentais são impensáveis: “Não se pode fazer um experimento com uma estrela ou uma galáxia do mesmo modo como se pode realizar um experimento com um composto químico ou uma planta”. Nesse caso, os artigos de astrofísica se estruturam mais como argumentações lógicas do que como relatos de análise de dados (Swales, 2004, p. 207).

Embora haja tipos diferentes de artigos acadêmicos, ficaremos circunscritos a **artigos experimentais e empíricos**, cujo objetivo é apresentar e discutir dados sobre determinado problema dentro de uma área de conhecimento específica e fazer interpretações na forma de resultados de pesquisa. Conforme vimos sinteticamente no capítulo 1, o artigo experimental pode ser descrito em termos de:

- objetivo (apresentar os resultados de um experimento);
- forma (10 a 20 páginas, incluindo as referências);
- publicação (em periódicos acadêmicos);
- atividades que o autor desenvolve (selecionar a bibliografia, delimitar e analisar um problema, discutir e avaliar os resultados do estudo frente à pesquisa prévia na área).

Neste capítulo, discutiremos essas questões mais detalhadamente, com especial atenção para a seção de introdução de artigos acadêmicos, onde se constroem o contexto de pesquisa, o problema e os objetivos do trabalho da pesquisa reportada no artigo. É importante ressaltar a introdução como a parte do artigo onde se justifica a importância da pesquisa, isto é, onde são apontadas razões para a realização do estudo, da escolha do tema e do problema da pesquisa, bem como da base teórica e/ou metodológica.

#### 4.2 Razões para se escrever um artigo

O artigo tem como objetivo básico reportar um estudo. No entanto, para que essa informação circule e tenha impacto na área de conhecimento, o leitor precisa

estar convencido de que o estudo reportado tem relevância para a área do saber em que a pesquisa se inscreve (neurologia, botânica, educação, sociologia ou economia, por exemplo) e que tem adequação às práticas de pesquisa e de argumentação usadas nessa disciplina.

Para demonstrar isso, o autor descreve o estudo, expõe e avalia seus resultados, conclui e argumenta, utilizando as convenções próprias àquela área. Cada área tem uma cultura própria que se traduz em um objeto de estudo próprio (numa analogia rudimentar, pode-se dizer que o uso da linguagem é o objeto de estudo na área de letras assim como a saúde bucal na área de odontologia). Isso resulta em modos particulares de construir objetivos e procedimentos, padrões para propor argumentos, maneiras de usar a linguagem (estilo e vocabulário técnico), de argumentar e de refletir sobre problemas na área. O capítulo 2 discute essa variabilidade, existente entre as disciplinas, no modo de se apropriar de um gênero. A resenha foi usada como exemplo para ilustrar como diferentes culturas disciplinares elaboram maneiras próprias de construir e avaliar conhecimento em textos dentro de um mesmo gênero.

A seguir, veremos como iniciar a redação do artigo a partir de conceitos centrais a uma área de interesse.

### 4.3 Por onde começamos a escrever o artigo acadêmico?

Conforme indicado no capítulo 1, o autor de um artigo busca demonstrar habilidade para:

- (1) selecionar as referências bibliográficas relevantes ao assunto;
- (2) refletir sobre estudos anteriores na área;
- (3) delimitar um problema ainda não totalmente estudado na área;
- (4) elaborar uma abordagem para o exame desse problema;
- (5) delimitar e analisar um conjunto de dados representativo do universo sobre o qual deseja alcançar generalizações;
- (6) apresentar e discutir os resultados da análise desses dados;
- (7) finalmente, concluir, elaborando generalizações a partir desses resultados, conectando-as aos estudos prévios dentro da área de conhecimento em questão.

Na medida em que o autor vai construindo seu texto, há uma progressão da informação do item 1 até o item 7, em quatro seções que podem ser definidas

como<sup>1</sup>: introdução, metodologia, resultados e discussão. Essa progressão pode ser descrita como a passagem de uma visão geral da disciplina, em que situa o conhecimento estabelecido e o que ainda falta descobrir sobre o problema (seções 1, 2 e 3), passando por uma descrição detalhada de como a pesquisa foi desenvolvida e que dados ela obtve (4 e 5), até a interpretação dos dados como evidências de dado fenômeno e a demonstração da relevâncias desses resultados para o conhecimento inicialmente descrito como estabelecido, questionando-o ou reafirmando-o (6 e 7). O texto avança do conhecimento amplamente aceito na área para a geração de um novo conhecimento específico e deste de volta para a área.

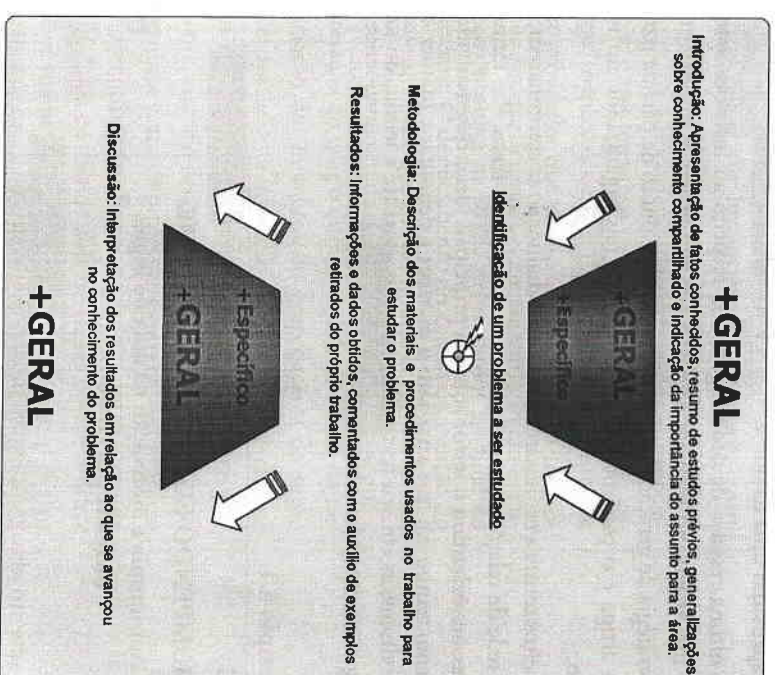


Figura 4-1: O artigo científico<sup>2</sup>

<sup>1</sup> O título dessas seções podem ser esses mesmos ou podem se referir ao objetivo ou tema da respectiva seção. Assim, a introdução pode receber um título como: "contextualização do problema" ou a metodologia pode ser renomeada como "a implementação da pesquisa".

<sup>2</sup> Adaptação da figura elaborada por Hill, Soppelsa e West (1982, p. 335).



A figura 4.1 demonstra essa dinâmica textual do artigo acadêmico. Em princípio, a **transição do geral para o específico**, de uma visão ampla da disciplina para a focalização do tópico de interesse, atraindo a atenção do leitor para um nicho no conhecimento na área. Já na conclusão, há uma nova **transição do específico para o geral**, em que o foco se amplia gradativamente em direção às questões gerais da disciplina e à solução do problema apontado na introdução. Nesse ponto, são apresentadas algumas implicações da pesquisa para a área e a conclusão do estudo. Assim, as questões mencionadas na introdução são retomadas na discussão de tal maneira que essas duas seções podem ser vistas como imagens espelhadas uma da outra.

Uma última ressalva de ordem geral diz respeito ao início do processo de escrita de um artigo. Ao planejar a redação de um artigo, é importante termos alguma estratégia de geração de ideias. Um possível ponto de partida para a construção do artigo é o conjunto de conceitos centrais organizados em um **mapa semântico**.

Conceitos centrais expressam o foco do trabalho: ao se combinarem, estabelecem uma rede de relações que delimita o tema do nosso texto. Em termos gerais, essas expressões **orientam o leitor sobre as principais ideias desenvolvidas no texto**, ao mesmo tempo em que **auxiliam o escritor a delimitar e manter constante a linha de discussão em seu texto**. Por exemplo, durante a leitura do *abstract* da página seguinte, é possível identificar conceitos centrais do trabalho:

**Exemplo 4.1**

I#2

**ROMPENDO COM A VERTICALIDADE:**

**Autonomia e motivação na aula de inglês mediada por computador\*\***

O advento das **tecnologias intelectuais eletrônicas** e o crescente número de usuários da internet vêm introduzindo novas configurações sociais e culturais nas práticas discursivas adotadas em determinados contextos (Howard, 1997). Especificamente na sala de aula de línguas, o processo

Conceitos centrais aparecem recorrentemente ao longo do texto.

de ensino-aprendizagem mediado por computador traz à tona noções como a de **autonomia e motivação** do aluno. Tais noções se evidenciam no uso de ambientes de aprendizagem alternativos em que os alunos podem colaborar e interagir em pares ou grupos em **ambientes virtuais** não centralizados na figura do professor. Este estudo investiga a interação escrita de alunos de inglês da UFSM em relação a sinais de **autonomia e motivação nas aulas mediadas por computador**. Foi possível identificar a **autonomia** em instâncias de negociação entre os alunos que buscavam respostas satisfatórias a todos, na autocorreção decorrente dessas negociações, e nas tentativas de 'reparar' respostas de colegas. Aspectos de **motivação** foram encontrados em atividades que os alunos faziam além das solicitadas, participação, atenção, curiosidade e avaliação positiva mostrada pelos alunos ao final do semestre. O deslocamento do centro de atenção do professor para o grupo de alunos contribui para o desenvolvimento da **autonomia do aluno**, já que a interação do grupo durante a aula se baseia na negociação dos membros do grupo acerca do rumo a ser tomado na interação. Pode-se considerar que um **aluno autônomo** é aquele que reflete criticamente, negocia decisões e age dinamicamente com o grupo e com o/a professor/a durante seu processo de aprendizagem. Por outro lado, a introdução da tecnologia na sala de aula de inglês parece resultar numa maior **motivação do aluno** para o uso efetivo da língua estrangeira para a comunicação.

\*Resumo da palestra apresentada no III Seminário do Projeto Salinas Pesquisa em sala de aula de línguas, Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, UFRJ, 1999.

Se nos dermos sobre as quatro palavras-chave (como internet) e suas variações (tecnologias intelectuais eletrônicas e ambientes virtuais) do *abstract* acima, conseguiremos construir uma representação esquemática do todo do texto a que chamamos de mapa semântico do trabalho, conforme a figura 4.2.

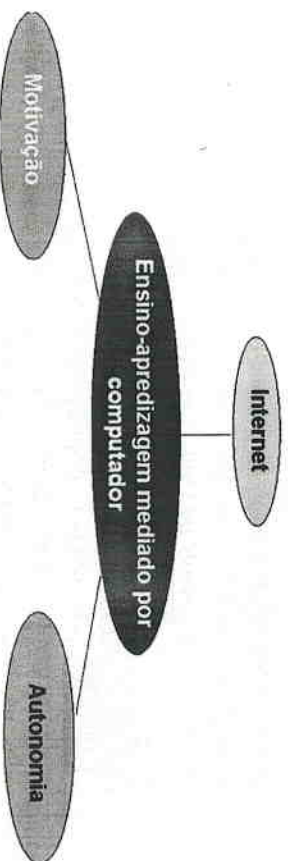


Figura 4.2: Exemplo de mapa semântico

A partir da identificação dessas quatro palavras, poderíamos perguntar “*sobre o que é o trabalho?*” e formular uma resposta conforme o texto no exemplo 4.2. É importante notar que o título (*Rompendo com a verticalidade: autonomia e motivação na aula de inglês mediada por computador*) busca sintetizar o trabalho e, portanto, se relaciona com algumas das palavras-chave indicadas.

**Exemplo 4.2**

L#2

O trabalho é sobre tecnologias intelectuais eletrônicas (como os ambientes virtuais da internet) e sua contribuição para o desenvolvimento da autonomia e da **motivação** do aluno de línguas nos processos de **ensino-aprendizagem mediado por computador**.

A utilização de palavras-chave na geração de ideias iniciais para um texto tem se provado muito produtiva no curso de redação acadêmica ministrado anualmente, desde 1995, no Laboratório de Pesquisa e Ensino de Leitura e Redação (LABLER), da Universidade Federal de Santa Maria. A experiência com escritores novatos demonstra que a síntese de um artigo na forma de mapa semântico,

formado por conceitos de base, é um recurso de fundamental importância na geração de uma estrutura conceitual inicial para o artigo, especialmente para alunos de graduação e mestrado com pouca experiência de redação de textos de pesquisa.

**4.4 A seção de introdução**

Uma vez estabelecido o tema central do trabalho por meio desse mapa semântico, devemos nos dedicar a contextualizar o problema de pesquisa dentro da área de conhecimento pertinente a ele, bem como nos concentrar no objetivo e na justificativa do estudo. Essas questões compreendem a introdução do artigo.

Conforme indicado na seção anterior, nosso ponto de partida para a redação do texto será o estabelecimento das palavras-chave. A figura 4.3 ilustra exemplos de palavras-chave para um trabalho na área de medicina, especificamente em saúde pública.

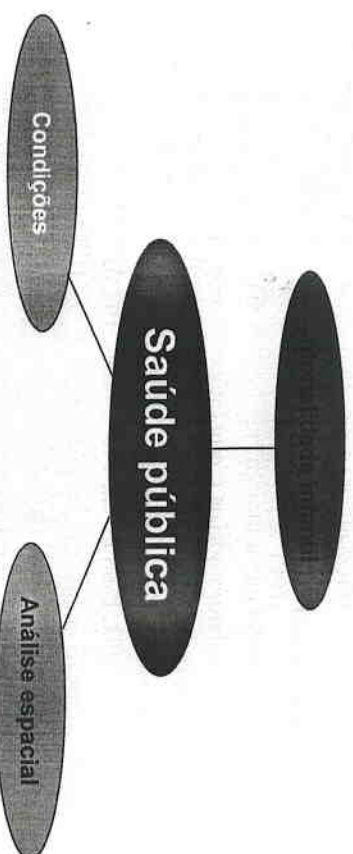


Figura 4.3: Mapa semântico em Medicina (Saúde Pública)

Geralmente, variações dessas palavras-chave se repetirão na introdução<sup>3</sup>, auxiliando tanto o escritor/leitor a identificar o assunto tratado no texto. Os autores do artigo reproduzido no exemplo 4.3, publicado num periódico da área de medicina, escolheram as três palavras-chave do nosso campo semântico da figura 4: **potencialidade infantil**, **condições sociais** e **análise espacial**. Veja como essas palavras são usadas repetidamente, ao longo do texto, para manter a continuidade

<sup>3</sup> Nas ciências humanas, é comum a inserção dos mesmos termos no título do artigo e na citação das palavras-chave, logo abaixo do *abstract*. Nas ciências rerais, é prática comum a inserção de termos diferentes no título e nas palavras-chave. Uma explicação é que se título e palavras-chave são construídos por termos diferentes, isso aumenta as chances de um mecanismo buscador encontrar um dado texto na internet, em uma biblioteca, em um banco de dados etc.

das informações e a coesão (a “costura”) entre as sentenças. Observe também que as informações são apresentadas aos poucos e repetidamente: primeiramente **análise espacial**, em seguida **condições de vida**, e, por último, **análise espacial**.

#### Exemplo 4.3

M#1

### Mortalidade infantil e condições de vida: a reprodução das desigualdades sociais

em saúde na década de 90

*M. da C. N. Costa, P. de A. Azi, J. S. Paim, L. M. V. da Silva*

**Palavras-chave:** mortalidade infantil; condições sociais; análise espacial

#### INTRODUÇÃO

A estreita relação que a mortalidade infantil apresenta com os fatores sociais e econômicos é reconhecida há muito tempo e tem sido evidenciada em diversos estudos latino-americanos (Behm, 1980; Monteiro, 1982; Paim *et alii*, 1987; Yunes, 1983). Em virtude da grande vulnerabilidade que as crianças com menos de 1 ano de idade apresentam em face das alterações ocorridas no ambiente social e econômico e das intervenções de saúde (Murray, 1988), a mortalidade nessa faixa etária é considerada como um indicador tanto da situação de saúde, quanto das **condições de vida de uma população** (Grant, 1992). Entretanto, estudos realizados em países em desenvolvimento têm demonstrado que essa vinculação deixou de ser tão evidente, visto que, apesar da crise econômica mundial observada a partir dos anos 1980, não ocorreu uma reversão da tendência decrescente que esta mortalidade vinha exibindo (Ageitos *et alii*, 1991).

As palavras-chave geralmente aparecem ao longo da introdução

Na América Latina, uma das consequências dessa crise foi o agravamento das desigualdades sociais. Todavia, em vários países verificou-se a manutenção e mesmo uma intensificação da queda que vinha sendo registrada nas taxas de **mortalidade infantil** (Silva & Duran, 1990). Esse panorama contribuiu para que as questões relativas às desigualdades em saúde passassem a ser privilegiadas na demonstração empírica dos diferenciais socioeconômicos do processo saúde-doença e, por conseguinte, na identificação de grupos populacionais submetidos a riscos mais elevados (Breilh, 1990). Algumas organizações internacionais de saúde passaram a orientar os investigadores no sentido de dirigir seus esforços para a elaboração de novos métodos e técnicas que possibilitassem discriminar melhor a situação de saúde segundo as **condições de vida** (OPS, 1992; WHO, 1991).

Diante das dificuldades para operacionalizar o conceito de classe social, alguns autores têm se inclinado para o emprego de indicadores compostos por diferentes variáveis socioeconômicas que permitem uma aproximação **das condições materiais de existência de grupos humanos de uma sociedade** (Casrellanos, 1990). Outra abordagem empregada na apreensão dos processos envolvidos na determinação da doença na população tem sido aquela na qual as relações sociais também são entendidas como determinantes do **padrão de ocupação do espaço de uma cidade**. Assim, os indicadores tradicionais de saúde são estimados para áreas geográficas com menor nível de agregação, tendo como referência, ainda que nem sempre explicitada, a consideração de que o **padrão espacial da cidade é definido** pelas relações sociais decorrentes do modo de produção



econômica (Santos, 1980), e que a **evolução do espaço** é concomitantemente uma condição e uma consequência da evolução de uma sociedade global (Santos, 1979).

Paim (1997) imputa às **condições de vida de cada classe social** o papel de mediação dos determinantes estruturais da saúde. Para operacionalizar esse conceito, utiliza indicadores sociais e econômicos selecionados, considerando que uma abordagem a partir dos distintos **espaços da cidade**, ocupados por diferentes grupos populacionais, permite uma aproximação da realidade, apesar da sua complexidade.

Embora seja bastante antigo o emprego da **distribuição espacial** para descrever a ocorrência da doença, em geral, essa abordagem restringia-se à comparação de diferenças internacionais e regionais, em que fatores ambientais/climáticos eram apresentados como principais determinantes das desigualdades encontradas. Mais recentemente, essa estratégia vem sendo uma das mais utilizadas para analisar a influência de fatores demográficos, socioeconômicos e de atenção à saúde na determinação e explicação da variação da mortalidade infantil (Gonzalo-Perez & Herrera-Leon, 1990; Lardelli *et alii*, 1993; Zurriaga-Llorens *et alii*, 1990).

No Brasil, esse tipo de enfoque revelou uma grande heterogeneidade na distribuição espacial dos óbitos de menores de um ano no Rio Grande do Sul (Victoria *et alii*, 1994), em Porto Alegre (Guimarães & Fischmann, 1986) e em São Paulo (Monteiro *et alii*, 1980; Yunes, 1983).

Também em Salvador, BA, em 1980, foi demonstrada uma acentuada desigualdade na ocorrência das mortes infantis quando distribuídas nas

diferentes zonas de informação desse município (Paim *et alii*, 1987), que se manteve entre os anos 1980-1988, apesar de os níveis dessa mortalidade terem decrescido (Paim & Costa, 1993).

Considerando a complexidade e o dinamismo dos processos que envolvem a mortalidade infantil, faz-se necessário seu contínuo acompanhamento, de modo que se possa dispor de informações que permitam a análise da situação de saúde no nível local e a adoção de medidas de controle pertinentes. Assim, o presente trabalho tem como objetivos descrever a evolução da mortalidade infantil em Salvador entre os anos de 1991 e 1997 e analisar a relação existente entre a **distribuição espacial** dessa mortalidade e as **condições de vida da população** do município em 1991 e 1994.

Na introdução, o autor geralmente indica a relevância do tema, revisa itens de pesquisa prévia e faz generalizações sobre o assunto que será tratado no artigo. A relevância do tema é sinalizada por passagens que apontam as lacunas no conhecimento ou a dificuldade na solução de problemas correspondentes. O objetivo é estabelecer uma base de conhecimento compartilhado com o leitor para contextualizar a questão de pesquisa.

A introdução define determinado campo de conhecimento como se este fosse um vasto *território de investigação*.

#### Exemplo 4.4

M#1

A estreita relação que a mortalidade infantil apresenta com os fatores sociais e econômicos é reconhecida há muito tempo e tem sido evidenciada em diversos estudos latino-americanos

1980. Monteiro, 1992; Paim *et alii*, 1987; Santos, 1980; Yunes, 1983. Em virtude da grande vulnerabilidade que as

crianças com menos de 1 ano de idade apresentam em face das alterações ocorridas no ambiente social e econômico e das intervenções de saúde [redacted], a mortalidade nessa faixa etária é considerada como um indicador tanto da situação de saúde, quanto das condições de vida de uma população [Graim, 1992]. Entretanto, estudos realizados em países em desenvolvimento têm demonstrado que essa vinculação deixou de ser tão evidente, visto que, apesar da crise econômica mundial observada a partir dos anos 1980, não ocorreu uma reversão da tendência decrescente que esta mortalidade vinha exibindo [Azevedo et al., 1991].

Na América Latina, uma das consequências dessa crise foi o agravamento das desigualdades sociais. Todavia, em vários países [redacted] a manutenção e mesmo uma intensificação da queda que vinha sendo registrada nas taxas de mortalidade infantil [Silva & Duran, 1990]. Esse panorama contribuiu para que as questões relativas às desigualdades em saúde passassem a ser privilegiadas na demonstração empírica dos diferenciais socioeconômicos do processo saúde-doença e, por conseguinte, na identificação de grupos populacionais submetidos a riscos mais elevados [Brasil, 1990]. Algumas organizações internacionais de saúde passaram a orientar os investigadores no sentido de dirigir seus esforços para a elaboração de novos métodos e técnicas que possibilitassem discriminar melhor a situação de saúde segundo as condições de vida [OPS, 1992; WHO, 1991].

Diante das dificuldades para operacionalizar o conceito de classe social, alguns autores têm se inclinado para o emprego de indicadores compostos por diferentes variáveis socioeconômicas que permitem

uma aproximação das condições de existência de grupos humanos de uma sociedade [redacted]. Outra abordagem empregada na apreensão dos processos envolvidos na determinação da doença na população tem sido aquela na qual as relações sociais também são entendidas como determinantes do padrão de ocupação do espaço de uma cidade.

Assim, os indicadores tradicionais de saúde são estimados para áreas geográficas com menor nível de agregação, tendo como referência, ainda que nem sempre explicitada, a consideração de que o padrão espacial da cidade é definido pelas relações sociais decorrentes do modo de produção econômica [redacted], e que a evolução do espaço é concomitantemente uma condição e uma consequência da evolução de uma sociedade global (Santos, 1979).

Pain (1997) imputa às condições de vida de cada classe social o papel de mediação dos determinantes estruturais da saúde. Para operacionalizar esse conceito, utiliza indicadores sociais e econômicos selecionados, considerando que uma abordagem a partir dos distintos espaços da cidade, ocupados por diferentes grupos populacionais, permite uma aproximação da realidade, apesar da sua complexidade.

No exemplo 4.4, os autores abrem o primeiro parágrafo com uma generalização sobre o tema da mortalidade infantil: “A estreita relação que a mortalidade infantil apresenta com os fatores sociais e econômicos é reconhecida há muito tempo”. Ao fazer uma generalização, o autor afirma (ou nega) algo sobre o tema em questão. Por ter um caráter de generalidade e de conhecimento estabelecido (em oposição a conhecimento novo), a generalização muitas vezes dispensa citação do autor ou do ano da publicação que gerou a informação.



Em seguida, os autores revisam sinteticamente a literatura sobre pesquisas prévias acerca do tema. Além da citação de trabalhos relevantes por meio da referência ao nome do autor e à data de publicação (por exemplo, “Monteiro, 2008”), essa revisão da literatura é indicada por expressões que remetem às pesquisas feitas na área, tais como

- (1) verbos e substantivos relativos ao processo experimental (“investigadores”, “têm verificado”, “uma grande incidência em amostras coletadas”);
- (2) verbos no passado composto (“tem sido”, “vem sendo” etc.) para aludir à atividade de pesquisa como um processo que começou no passado e se estende até o presente (“tem sido objeto de muitas pesquisas”, “vem sendo evidenciada em diversos estudos”).

Uma terceira estratégia usada pelos autores para fazer alusão a um corpo de conhecimento existente é alertar para a importância do assunto na área, por meio de

- (1) ênfase na repercussão do problema (“grande vulnerabilidade que as crianças com menos de um ano de idade apresentam”);
- (2) referência explícita ao interesse de outros pesquisadores sobre o assunto (“tem sido evidenciada em diversos estudos latino-americanos”, “Algumas organizações internacionais de saúde passaram a orientar os investigadores no sentido de dirigir seus esforços para a elaboração de novos métodos e técnicas”).

Aqui (como também em artigos de outras áreas), a medicina é mostrada como um território “povoado” por pesquisadores, onde muitos estudos já foram realizados e muitos achados já estão sedimentados, conforme a revisão da literatura indica. No entanto, os autores identificam lacunas ainda por preencher no conhecimento estabelecido.

#### Exemplo 4.5

M#1

Embora seja bastante antigo o emprego da distribuição espacial para descrever a ocorrência da doença, em geral, essa abordagem restringia-se à comparação de diferenças internacionais e regionais, em que fatores ambientais/climáticos eram apresentados como principais determinantes das

Identificar lacunas no conhecimento existente na área.

desigualdades encontradas. Mais recentemente, essa estratégia vem sendo uma das mais utilizadas para analisar a influência de fatores demográficos, socioeconômicos e de atenção à saúde na determinação e explicação da variação da mortalidade infantil (Gonçalo-Perez & Herrera-Leon, 1990; Lardelli *et alii*, 1993; Zurriaga-Llorens *et alii*, 1990).

No Brasil, esse tipo de enfoque revelou uma grande heterogeneidade na distribuição espacial dos óbitos de menores de um ano no Rio Grande do Sul (Yictora *et alii*, 1994), em Porto Alegre (Guimarães & Fischmann, 1986) e em São Paulo (Monteiro *et alii*, 1980; Yunes, 1983).

Também em Salvador, Bahia, em 1980, foi demonstrada uma acentuada desigualdade na ocorrência das mortes infantis quando distribuídas nas diferentes zonas de informação desse município (Paim *et alii*, 1987), que se manteve entre os anos 1980-1988, apesar de os níveis desta mortalidade terem decrescido (Paim & Costa, 1993).

Considerando a complexidade e o dinamismo dos processos que envolvem a mortalidade infantil, é necessário um conjunto de arranjos metodológicos que se possa apoiar de informações que permitam a análise da situação de saúde no nível local e a adoção de medidas de controle pertinentes.

Assim, o presente trabalho tem como objetivos descrever a evolução da mortalidade infantil em Salvador entre os anos de 1991 e 1997 e analisar a relação existente entre a distribuição espacial dessa mortalidade e as condições de vida da população do município em 1991 e 1994.

Os autores indicam que ainda há lacunas no conhecimento em sua área ao evidenciarem dificuldades em estabelecer parâmetros confiáveis para estudar as

causas da mortalidade infantil e a necessidade de continuar a pesquisar o assunto. As falhas ainda existentes no conhecimento são expressas pelos resultados não conclusivos de pesquisas prévias e a dificuldade de se estudar o problema (“heterogeneidade na distribuição” e “desigualdade na ocorrência”).

Delimitada a lacuna, os autores devem explicar como seu trabalho tenta preencher essa falha no conhecimento. Geralmente os esforços se concentram na construção de um lugar de destaque, um *nicho* para a pesquisa que passa a ser reportada, valorizando e justificando a publicação do artigo como causa natural dessa necessidade de se pesquisar mais sobre o assunto (“Assim, o presente trabalho”).

Nesse parágrafo final da introdução, os autores retomam as três palavras-chave e as inter-relacionam em uma ideia central que explicita o objetivo do trabalho:

**Exemplo 4.6**

M#1

Assim, o presente trabalho tem como **objetivos** descrever a evolução da mortalidade infantil em Salvador entre os anos de 1991 e 1997 e analisar a relação existente entre a **distribuição espacial** dessa mortalidade e as **condições de vida** da população do município em 1991 e 1994.

O objetivo do trabalho é estabelecido ao final da introdução.

Uma estratégia muito usada para finalizar a introdução é a apresentação de uma visão geral da organização do trabalho para que o leitor possa construir um enquadramento mental e antecipar os pontos temáticos que serão tratados no texto que se segue, de modo a tornar mais ágil a leitura. No exemplo 4.6, os autores antecipam para o leitor a organização do texto em tópicos:

- (1) descrever (note a escolha dos verbos sublinhados) a evolução da mortalidade infantil em Salvador entre os anos de 1991 e 1997;
- (2) analisar a relação existente entre distribuição espacial dessa mortalidade e condições de vida da população do município entre 1991 e 1994.

Muitas vezes, a estrutura do artigo é indicada pela enumeração explícita de cada seção como, por exemplo, “No presente trabalho, primeiramente reviso a literatura sobre o tema...”, em seguida explico a metodologia adotada para seu estudo,

ressaltando a importância dos estudos de caso, e finalmente apresento os resultados da pesquisa, chamando a atenção para as limitações do estudo quanto a...”.

Swales (1990) elaborou uma representação esquemática da seção de introdução de artigos científicos bastante conhecida no ensino de línguas para fins acadêmicos. A representação ilustra a organização de uma introdução com três momentos. Assim, para introduzir seu relato de pesquisa, um autor:

- (1) apresenta um território de conhecimento;
- (2) constrói um nicho para sua pesquisa;
- (3) ocupa esse nicho com seu trabalho, conforme reproduzido na figura 4.4.

A representação esquemática de Swales sugere diferentes estratégias retóricas para cada um desses três momentos que parte do âmbito mais geral em direção ao mais específico (note que a figura 4.4. é um detalhamento da introdução da figura 4.1). Cada uma dessas etapas do texto é interpretada como um movimento em um jogo de xadrez, cujo objetivo último é convencer o leitor da importância do artigo e, assim, persuadi-lo a seguir lendo o artigo até o fim. Esses movimentos do texto são chamados **movimentos retóricos**, pois a cada momento do texto o autor usa os recursos linguísticos disponíveis para interagir com o leitor, persuadindo-o a agir numa determinada direção de acordo com o argumento defendido no texto.

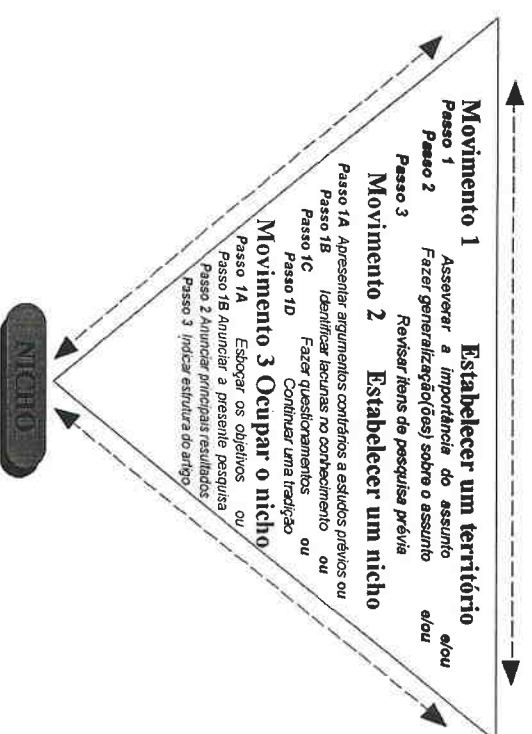


Figura 4.4: Representação do modelo CARs da Introdução de Artigos (SWALES, 1990, p. 141)

O primeiro movimento retórico tem como objetivo *apresentar um território* de conhecimento. Para tanto, um autor pode:

- (1) asseverar a importância do assunto;
- (2) fazer generalização(ões) sobre ele;
- (3) revisar itens de pesquisa prévia (ver comentários sobre o exemplo 4.4). Frequentemente, os autores adotam essas três estratégias em conjunto. Em seguida, para *identificar um nicho* no campo de conhecimento onde seu trabalho possa se inscrever, o autor revê a pesquisa prévia e pode
  - (1) apresentar argumentos contrários a estudos prévios;
  - (2) identificar lacunas no conhecimento estabelecido;
  - (3) fazer questionamentos sobre o assunto;
  - (4) continuar uma tradição de pesquisa já estabelecida (ver comentários sobre Exemplo 4.5).

O autor adota uma dessas quatro linhas de argumentação para construir um espaço para seu trabalho, já que não pode, por exemplo, indicar lacunas em uma tradição de pesquisa já estabelecida e ao mesmo tempo aderir integralmente a ela.

Por fim, para ocupar o nicho que construiu, o autor pode:

- (1) definir os objetivos ou as principais características do trabalho;
- (2) anunciar os principais resultados;
- (3) indicar a estrutura do artigo (ver comentários sobre o exemplo 4.6).

Natinger e De Carrico (1992, p. 164-167) listam algumas expressões características da seção de introdução de artigos acadêmicos, tipicamente produzidos por estudantes de universidades americanas. Essas expressões são semelhantes a algumas já indicadas nos exemplos indicados e também funcionam como sinalizadores de como a informação se estrutura no texto:

#### Delimitar um território

Por muito tempo/nos últimos anos/em anos recentes, tem havido um crescente interesse em x; a maioria dos estudos de x estabeleceu/argumenta/propõe y; frequentemente tem sido afirmado/argumentado que x; muitas das perspectivas adoradas para x prevem/descrevem/avaliam que y; uma das mais controversas/importantes xs (na literatura recente) é y; de acordo com \_\_\_\_\_, x é/indica/significa/ y.

#### Estabelecer um nicho

**Tópico:** Este trabalho trata/discute/afirma/argumenta que x; no presente trabalho/estudo x; meu/nosso argumento é essencialmente que x; eu/nós busco (anos) argumentar que x.

**Objetivo (ou hipótese):** o presente trabalho tem por objetivo x; este trabalho foi elaborado para x; a ênfase/a proposta/o objetivo (geral) do trabalho é x; eu/nós pretendemos demonstrar/ilustrar que/debater x; o objetivo do(a) trabalho/estudo/análise/discussão é x; a hipótese (central/básica) é x.

**Organização:** este trabalho compara/contrasta/descreve/demonstra \_\_\_\_\_ em primeiro lugar, \_\_\_\_\_ em seguida, \_\_\_\_\_ e finalmente \_\_\_\_\_; no restante deste artigo, x será examinado em termos de \_\_\_\_\_; o presente artigo inclui uma análise/comparação/demonstração de \_\_\_\_\_. Em seguida, deverá \_\_\_\_\_ e concluirá por \_\_\_\_\_.

#### ALERTA! ALERTA! NÃO SE ESQUEÇA DE...

1. Ler e preparar anotações da bibliografia com REFERÊNCIAS COMPLETAS, dando crédito ao autor pelas ideias citadas.
2. Observar o estilo das referências em textos em sua área e as normas dos periódicos, evitando inconsistências na hora de escrever a seção de referências bibliográficas.

#### DICAS PARA REDIGIR A INTRODUÇÃO

1. Seja simples e direto. Não há necessidade de impressionar ninguém, apenas tente deixar seu leitor interessado, informando-o sobre o texto que virá adiante.
2. O leitor tem que entender o contexto e a base de seu trabalho. Normalmente não se exige que a introdução faça uma ampla revisão da literatura, mas algumas referências fundamentais são necessárias (a não ser em periódicos que determinem uma estrutura fixa de introdução-metodologia-resultados-discussão, em que o conteúdo da revisão da literatura deve estar contido na introdução).
3. Justifique claramente por que você fez o que fez e por que isso vale a pena. Seus argumentos devem ser construídos a partir de critérios cientificamente relevantes para a área de estudo em questão. Razões pessoais (preferência pelo tema, por exemplo) sempre entram em jogo, mas não vêm ao caso, pois não serão consideradas válidas na maioria das áreas. Veja mais sobre justificativa no capítulo sobre projetos de pesquisa neste volume;
4. Mesmo que você, muitas vezes, tenha a nítida sensação de que está enrolado, que o texto não avança, não desista. Isso faz parte do processo de produção de



sentido. Escrever é difícil e demanda exercício prático, mas é uma tarefa extremamente recompensadora do ponto de vista de realização pessoal e afirmação de nossa identidade profissional.

5. Após labutar na escrita do texto, deixe-o “descansar” um pouco enquanto você vai dar uma “arejada” no cérebro. Ao abandonar uma passagem problemática, você pode ir para outra parte do texto que precisa ser trabalhada. Mais tarde, poderá voltar ao ponto problemático com mais distanciamento e atenção renovada.

#### TOME AS PRIMEIRAS PROVIDÊNCIAS

1. Converse com professores e colegas mais experientes sobre possíveis ideias para o trabalho.
2. Escolha o assunto do artigo.
3. Faça leituras preliminares. Como se viu no capítulo sobre projetos de pesquisa neste volume, a ideia inicial para a pesquisa deve ser balizada pelas pesquisas prévias sobre o tema. Só se pode identificar uma lacuna no conhecimento ao se conhecer o corpo de conhecimento estabelecido. Chega-se a essa visão abrangente dos temas inovadores de pesquisa, fazendo leituras preliminares dos principais periódicos da área em questão.
4. Delimite claramente o foco do trabalho.

#### ELEJA PRIORIDADES

1. Visite bibliotecas e pesquise em bases de dados na internet (livros, coletâneas, artigos em periódicos conceituados, abstracts, dissertações, teses, catálogos) para buscar bibliografia de referência.
2. Defina um enfoque a ser dado ao assunto (elaborar uma tese ou um mapa semântico preliminar?).
3. Organize a bibliografia que lhe servirá de referência básica (quais textos lhe darão subsídios para escrever cada uma das seções de introdução, metodologia, resultados e discussão?).

#### COMECE A ESCREVER ESCREVENDO

1. Elabore um esquema do trabalho. Lembre-se de deixar etiquetas adesivas bem à vista para marcar ideias centrais nos livros e artigos consultados. Assim, você poderá voltar a elas sem muito esforço, sempre que precisar.
2. Desenvolva um resumo a partir desse esquema.
3. Prepare-se para escrever o trabalho propriamente dito, colocando anotações na mesma ordem em que cada assunto aparece no esquema ou no resumo.

4. Decida sobre o tempo verbal a ser utilizado no trabalho. O presente parece ser o mais indicado por ser um tempo neutro, isto é, pode ser usado para fazer referência ao presente, ao passado ou ao futuro (“Neste trabalho, investiga-se”).
5. Escreva uma primeira versão ou rascunho do trabalho a partir do resumo.
6. Escreva, revise e reescreva essa primeira versão **várias vezes!** Cada reescrita é uma oportunidade valiosa para aprimorar suas ideias e corrigir erros. **Aproveite** o exercício, pois cada versão é um passo à frente no trabalho.

#### PARA DAR O PONTO FINAL NO TRABALHO

1. Leia a versão final com critério, mas **sem piedade (!)**, eliminando e reordenando trechos.
2. Peça a um/a grande amigo/a (ou orientador/a) que leia e depois discuta com você (que vai acatar quando possível!) as sugestões dadas.
3. Revise e **reescreva** a última versão **pela última vez!!!**

#### PARA APRENDER A ESCREVER É PRECISO SE ENGAJAR EM PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITURA, PORTANTO TENTE REALIZAR A SUGESTÃO DE ATIVIDADES ABAIXO

1. Eleja um artigo para estudar.
2. Leia o artigo, procurando definir seu tópico central e sua estrutura (organização em seções).
3. Marque com canetas de diferentes cores a organização da introdução em blocos de informação que guardem alguma correspondência com os movimentos da figura 4.4, conforme explicado acima.
4. Identifique se a introdução traz conceitos centrais com respectivas definições.
5. Procure o(s) trecho(s) de justificativa na introdução, nos quais o autor aponta as razões para fazer a pesquisa, escrever o artigo, explorar o tema escolhido. Atente para pontos do texto em que o autor explica a relevância do trabalho.
6. Busque, no texto, passagens em que o autor cita/critica/explica ideias de outros autores. Identifique pontos fortes e fracos encontrados pelo autor em pesquisas prévias e as razões para essa avaliação.
7. Localize critério(s) utilizado(s) pelo autor para organizar sua discussão da literatura (por exemplo, cronologia das pesquisas, temas abordados e/ou correntes teóricas).
8. Procure sugestões do autor sobre temas para futuras pesquisas.
9. Tente elaborar um mapa semântico das ideias centrais desse texto.